



**AS NARRATIVAS ESOTÉRICAS ENQUANTO TEXTOS DE AUTO-AJUDA:**  
Uma abordagem semiótica

Esoteric narratives as self-help books:  
A semiotics perspective

Levi Henrique Merenciano  
UNESP - Universidade Estadual Paulista e CNPq

**Resumo:** Estuda-se o leitor brasileiro de best-seller e a evolução das narrativas esotéricas no país a partir da abordagem semiótica de orientação greimasiana. Para tanto, elabora-se uma lista com os livros de ficção mais vendidos anualmente no Brasil, de 1975 a 2006, por meio dos rankings de livros de uma das revistas nacionais de circulação, a *Veja*, a fim de discutir hipóteses quanto às expectativas de leitura do leitor moderno e, sobretudo, a transformação gradual dos livros esotéricos, nos anos de 1990, em literatura de auto-ajuda.

**Palavras-chave:** leitor; leitura; best-seller; semiótica greimasiana; esoterismo; auto-ajuda.

**Abstract:** On a greimasian semiotics perspective it intends to study the Brazilian best-seller reader and also the evolution of the esoteric narratives in that country. To do so, a list of yearly fiction best-sellers in Brazil is being organized, in between the years 1975 to 2006, based on the ranking of books of a national coverage magazine, “*Veja*”, which made it possible to formulate hypothesis on the modern best-seller reader’s expectations and, most important, the gradual changing from the esoteric books to self-help books literature in the 90’s.

**Keywords:** reader; reading; best-seller; greimasian semiotics; esoteric book; self-help book.

Durante o curso de graduação, foi possível realizar uma pesquisa chamada “A Leitura no Brasil de 1975 a 1990”. A partir dela, estudaram-se, primeiramente, os autores que contribuíram com uma visão sócio-histórica sobre a constituição do leitor no mundo ocidental, juntamente com a evolução das práticas de leitura no contexto dessa sociedade, vejam-se CHARTIER (1998; 2001), ABREU (1999) e HALEWELL (1985). Durante a segunda etapa da pesquisa, a partir da abordagem semiótica da Escola de Paris, pôde-se realizar um exercício interpretativo do plano do conteúdo de um conjunto de livros mais vendidos, selecionados ano a ano, com o intuito de comparar os resultados da análise imanente com o cenário contextual em que esses best-sellers foram inscritos.

*Os mais vendidos*, seção da revista *Veja*, publicou, de 1960 até 1995, listas com os dez livros de ficção e de não-ficção mais vendidos no país. Dessas listas, puderam-se formular novos rankings, partindo da escolha pela categoria de livros de ficção mais vendidos ano a ano no período delimitado nos objetivos da pesquisa, compreendido entre 1975 e 1990. Confia-se na credibilidade dos levantamentos publicados pela revista em questão, cujos dados foram obtidos de livrarias de vários Estados do país (cidades das regiões Sul, Sudeste, Nordeste, Centro-oeste). Convém destacar que o acervo da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em Araraquara, por sua vez, viabilizou a obtenção de dados para o corpus, a partir de listas dos mais vendidos, possibilitando a obtenção das edições da referida revista, de 1960 até a atualidade.

Dessa forma, além de comporem-se listas com os livros de ficção mais vendidos, foram realizadas análises do plano do conteúdo dos primeiros colocados de cada ano, de forma a interpretar e discutir as relações entre os níveis fundamental, narrativo e discursivo, visando a alcançar melhores resultados nesses três anos de pesquisa, de 2004 a 2006, para delinear um perfil de leitor brasileiro contemporâneo. Além de ser elaborado, portanto, um panorama histórico sobre as práticas de leitura no mundo ocidental por meio da bibliografia de cunho sócio-cultural (as práticas de leitura, a origem da imprensa e a produção editorial nacional), realizaram-se análises da organização e do funcionamento do plano do conteúdo dos livros mais consumidos pelo público-leitor, lançando hipóteses sobre o que o consumidor de literatura de massa nacional buscou nos livros lidos, verificando, então, em que medida o contexto influenciava suas escolhas.

No que diz respeito ao novo levantamento, as novas listas com os livros de auto-ajuda e de esoterismo mais vendidos a partir de 1991<sup>1</sup> darão sustentação às análises semióticas dos mais vendidos. Serão elaborados, portanto, novos rankings com os de auto-ajuda e de esoterismo mais vendidos de 1991 a 2006, a fim de entender a peculiaridade dos textos de auto-ajuda frente à literatura místico-esotérica.

A necessidade de investigar hipóteses sobre a transformação – a evolução – das narrativas esotéricas (nas décadas de 80 e 90) para os textos de auto-ajuda (no final dos anos 90) surgiu a partir do exame do corpus relativo ao primeiro levantamento de livros de ficção, de 1975 a 1990. Formulou-se, portanto, uma lista com os primeiros colocados de cada ano, somando dezesseis livros no período. A partir dela, descrever-se-ão os resultados obtidos, por meio de exercícios interpretativos dessas obras. Veja-se o ranking geral dos títulos mais vendidos:

ANO	TÍTULO	AUTOR
1975	Fazenda modelo	Chico Buarque
1976	A gota d'água	Chico Buarque & P. Pontes
1977	O navegante	Morris West

<sup>1</sup> Pensando em dar continuação à relação de livros apresentada durante o trabalho de pesquisa anterior a este, propomos um novo levantamento, de livros de auto-ajuda e de esoterismo, a partir de 1991, e não a partir de 1996, ano em que a *Veja* passou a adotar a coluna “auto-ajuda e esoterismo”. O critério para seleção de livros mais vendidos, de 1991 a 1995, entre as colunas “ficção” e “não-ficção” – visto ainda não haver a coluna “auto-ajuda e esoterismo” – será por meio da interpretação do título do livro (sendo necessário observar em que medida o título do livro sugere um conteúdo de auto-ajuda ou de misticismo e esoterismo), ou por meio do conteúdo, se o livro apresentar, à primeira vista, um aspecto dúbio. Geralmente, no próprio título de alguns livros de temática místico-esotérica fica explícito o seu direcionamento temático, o que facilita a classificação. E de 1996 a 2006 adotar-se-á, portanto, a coluna “auto-ajuda e esoterismo” como base para coleta de dados e constituição do *corpus* dos livros mais vendidos de 1991 a 2006.

1978	Conversa na catedral	Mario Vargas Llosa
1979	Os tolos morrem antes	Mario Puzo
1980	A alternative do diabo	Frederick Forsyth
1981	Memórias de Adriano	Marguerite Yourcenar
1982	O analista de Bagé	Luís Fernando Veríssimo
1983	O reverso da medalha	Sidney Sheldon
1984	O nome da rosa	Umberto Eco
1985	A insustentável leveza do ser	Milan Kundera
1986	Risíveis amores	Milan Kundera
1987	As brumas de Avalon	Marion Zimmer Bradley
1988	A bicicleta azul	Régines Deforges
1989	As areias do tempo	Sidney Sheldon
1990	O alquimista	Paulo Coelho

Tabela 1

Após a análise do plano do conteúdo desse corpus, foi possível lançar mão de algumas hipóteses que podem ajudar a delinear, a reconstituir um perfil de leitor de best-sellers de ficção no Brasil. Foi possível, assim, averiguar as expectativas de leitura, a fim de cogitar que mecanismos do plano do conteúdo, relativos a toda organização das estruturas fundamentais, narrativas e discursivas, foram responsáveis por fazer determinados livros, como os de Sidney Sheldon, Milan Kundera, Chico Buarque de Hollanda, Paulo Coelho - obras de temática tão diversa - estarem entre os mais consumidos nas décadas em questão.

Arrolados alguns apontamentos quanto aos resultados das análises, apresentar-se-á uma comparação da organização do plano do conteúdo desses títulos mais vendidos com o plano contextual<sup>2</sup> em que essas obras foram publicadas (um estudo do texto para o contexto). Após essa exposição do exame do plano do conteúdo relacionado ao contexto, discutir-se-ão hipóteses do perfil de leitor nacional – uma tipologia de leitor brasileiro contemporâneo de best-seller a partir de 1991, com vistas a pensar na evolução das narrativas esotéricas como gênese para os textos de auto-ajuda do fim do século XX ao início do século XXI.

### Um breve panorama sócio-histórico da leitura

Será discutida, primeiramente, a importância do texto impresso para a cultura ocidental, a fim de sustentar uma argumentação sócio-histórica do leitor.

Roger Chartier, um importante historiador da leitura e da cultura, em entrevista cedida à *Folha de S. Paulo*, confirma a importância da leitura em meio impresso frente a novas formas de contato com a leitura, como o hipertexto:

Temo, entre outras coisas, que os livros eletrônicos possam transformar bibliotecas inteiras em algo obsoleto [...] Todo o trabalho que fazemos como historiadores do livro é mostrar que o sentido de um texto depende também da forma material como ele se

<sup>2</sup> Uma análise calcada apenas nos aspectos imanentes do texto – análise do plano interno – não seria suficiente para dar conta de explicar um perfil de leitor nacional de *best-seller*. Os acontecimentos relativos ao contexto – análises do plano externo – cooperam também para dizer o porquê de um determinado público-leitor, no caso, o brasileiro, interessar-se por determinados livros e não por outros.

apresentou aos seus leitores originais e ao seu autor. Por meio dela podemos compreender como e por que foi editado, a maneira como foi manuseado, lido e interpretado por aqueles de seu tempo. (COLOMBO, 08 jan. 2006, p. 08).

De acordo com *A ordem dos livros* (CHARTIER, 1998) e *Cultura escrita, literatura e história* (CHARTIER, 2001), o autor revela que houve algumas (r)evoluções da leitura desde os primórdios da era cristã. Atualmente, no que diz respeito à disseminação instantânea de informações, ocorre uma evolução, em que ao mesmo tempo em que se apresenta como técnica – porque muda o suporte que apreende o texto (a tela do computador), aumentando o poder de circulação e edição de textos (hipertexto) – também se apresenta como uma mudança no ambiente das práticas de leitura. Nesse caso, o novo hábito vivenciado tem a ver com a leitura menos prazerosa e mais apressada frente à tela do computador, e que possibilita não somente o contato com textos escritos, mas também audiovisuais, e a consulta de informações dispostas eletronicamente. Se houve uma evolução mais técnica com a imprensa de Gutenberg, isso não tirou a importância da cultura do texto impresso, que, no formato encadernado, é chamado códice ou codex. As evoluções que ocorreram simultaneamente, ou as que sucederam ao advento da imprensa, têm mais a ver com mudanças nos hábitos de leitura que propriamente no campo da técnica. Se antes havia um tipo de leitura sagrada (de devoção), intensiva (de memorização) e oralizada, posteriormente, no contexto dos séculos XV ao XVIII, em virtude da laicização da sociedade e democratização das escolas e da produção impressa (formas de leitura leigas, não baseadas no aspecto sagrado), surgiram práticas de leitura para entretenimento, sobretudo, do tipo extensiva e silenciosa. Isso quer dizer que o homem, na sociedade moderna, passou a ler em quantidade (extensivamente), por diversão e de forma mais íntima, por isso, ocorreu o predomínio da leitura do tipo silenciosa. Com ou sem a imprensa, o contato com os textos, desde o início da era cristã, foi intermediado majoritariamente pelo códice por uma série de motivos. Seja como alternativa para o rolo (volumen) – um suporte de difícil manejo – ou pela facilidade de visualização das páginas, à luz natural por sobre as mãos abertas, até mesmo pela postura confortável do corpo, em repouso durante a leitura, e por um método simples de anotações, que o impresso permite nas partes brancas da página.

Veja-se a importância de o conhecimento ser depositado no próprio objeto-livro, fato que pode ser estendido também à cultura do texto impresso em geral (publicação jornalística, panfletária, folhetinesca, epistolar). Por isso, é de suma importância a forma material como o texto se apresenta ao leitor, de maneira a deixar rastros de como foi manuseado, rabiscado, interpretado, enfim, usado. Por isso, o contato com os best-sellers é um gesto de conservação da cultura impressa, o que faz acreditar que existe um apego pelo objeto-livro. Isso, obrigatoriamente, deve ser descrito, por dominar, em uma época em que cada vez mais há, em outra direção, um apelo para a reprodução de textos em meio eletrônico (digitalização de acervos, jornais e revistas eletrônicas, entre outros). Assim, como há momentos para se ler um livro, confortavelmente em casa, também há situações em que é necessário o contato com textos eletronicamente representados.

Depois de situados os aspectos do universo histórico do leitor, será preciso explicar como os livros mais vendidos nos idos de 1970 e 1980, tanto as narrativas do tipo ação-intriga como as místico-esotéricas, de acordo com a teoria semiótica de orientação greimasiana, evoluíram para dar lugar à literatura de auto-ajuda em meados dos anos de 1990. Para tanto, serão apresentadas, no próximo tópico, análises das estruturas fundamentais, narrativas e discursivas dos livros constantes da lista dos títulos de ficção mais vendidos, conforme se vê na **tabela 1** acima

### **A organização e o funcionamento do plano do conteúdo: variâncias e invariâncias fundamentais, narrativas e discursivas**

A fim de explicar a organização discursiva dos textos selecionados, constantes da tabela 1, é preciso fazer uma divisão do período compreendido entre 1975 e 1990: um primeiro momento, de 1975 a 1980; e o outro, de 1981 a 1990.

Adotou-se a divisão para explicar como a organização interna dos livros mais vendidos pôde variar nesse período de dezesseis anos e verificar até que ponto pode-se falar de um momento do predomínio de narrativas de ação-intriga e outro, em que predominavam elementos típicos das narrativas místico-esotéricas, em direção - ainda que embrionária, em vias de simplificação da organização narrativa e discursiva - aos textos de auto-ajuda.

De 1975 a 1980, o conjunto de textos analisados revela, por meio da constituição das estruturas fundamentais, na sua maioria, a oposição “opressão vs. liberdade”.

Fazenda modelo, A gota d’água, Conversa na catedral e A alternativa do diabo, quatro de seis livros examinados, respectivamente, de HOLLANDA (1975), HOLLANDA & P. PONTES (1996), VARGAS LLOSA (1977) e FORSYTH (1979), têm a estrutura fundamental calcada na oposição supracitada. Os livros de WEST (1976) E PUZO (1978), O navegante e Os tolos morrem antes, por outro lado, têm a articulação do nível fundamental estabelecida no eixo “ignorância vs. conhecimento”, para o primeiro, e “ilusão vs. realidade”, para o segundo.

De 1981 a 1990, as estruturas fundamentais dos livros mais vendidos oscilaram entre oposições fundamentais do tipo “ignorância vs. conhecimento”, “humanidade vs. divindade” e “essência vs. aparência”. Memórias de Adriano (DEFORGES, 1987), O nome da rosa (ECO, 1983) e As areias do tempo (SHELDON, 1989) dizem respeito à primeira articulação do nível fundamental citada. As brumas de Avalon (BRADLEY, 1985) e O alquimista (COELHO, 1990), têm como articulação a segunda opção, “humanidade vs. divindade”. A insustentável leveza do ser e Risíveis amores, ambos de KUNDERA (1985; 1985a) contam com a oposição fundamental “essência vs. aparência”.

A partir da análise do nível fundamental dos textos selecionados para análise no primeiro período, 1975-1980, tem-se um perfil de leitor diferente do público que se interessou pelos mais vendidos de 1981 a 1990. A progressão dos rankings, assim, permitiu observar a preferência por textos com um tipo de organização fundamental menos variável no primeiro momento (a maioria trata de “opressão vs. liberdade) e mais variável, em sua maioria, no segundo momento (“ignorância vs conhecimento”, “humanidade vs. divindade”, “essência vs. aparência”).

Um estudo do funcionamento narrativo e discursivo permitirá observar os percursos de sentido como um todo, iniciados a partir dessas oposições fundamentais.

No que diz respeito à estrutura narrativa dos livros selecionados no primeiro momento (1975-1980), há um tipo de sujeito, no conteúdo dessas obras, determinado por um fazer que o orienta por caminhos bem determinados. No contexto histórico em que são ancorados, seja de regimes militares ou de sistemas socialistas, os sujeitos presentes nas obras dos anos de 1970 entram em junção com objetos valores aderindo, por exemplo, a posicionamentos políticos de direita ou de esquerda apenas, bem como ao modo de produção socialista ou capitalista. Optar por ideologias ou sistemas antagônicos, dando a esses campos igual peso como, por exemplo, defender ideologicamente o socialismo e, na prática, ser um consumidor nato (capitalista), significa o mesmo que optar por nenhuma ideologia.

Todos os livros citados nesse primeiro momento revelam sujeitos interessados por ideologias políticas ligadas a temas de protesto, que, para tanto, devem-se fazer escolhas precisas. Se um livro aborda, por exemplo, uma história contra um regime tirano ou o medo de um ataque comunista, como em FORSYTH (1979), têm-se atores posicionados sempre contra a opressão, contra o poder de um sujeito tirano que pretenda comandar de forma individual. Assim, os sujeitos desses textos de ação-intriga procuram agir de forma objetiva e por meio de ações concretas (protestos, militância, guerrilhas). De maneira geral, os livros mais vendidos nesse período fazem o leitor pensar na importância de atuar coletivamente e têm suas narrativas ancoradas, sobretudo, no contexto dos fatos históricos em que foram inscritas.

Em *Conversa na catedral* (VARGAS LLOSA, 1977) e *A alternativa do diabo* (FORSYTH, 1979), percebe-se, no plano narrativo, que o agravante para o julgamento dos destinatários-sujeitos dessas histórias é não poderem escolher, isto quer dizer que deviam optar por objetos-valores bem distintos e definidos. Ou lutava-se, por exemplo, pela ideologia política da direita ou da esquerda. Estar engajado em ideais políticos de centro ou ceder ao discurso da neutralidade seria considerado, nessas histórias sobre a luta pela coletividade, o mesmo que optar por nada. Por isso, quem irá julgar o fazer desses sujeitos é a própria coletividade em que estão inseridos. Os livro de Hollanda (1975), *Fazenda modelo*, é um texto ancorado nos fatos do regime militar que faz um diálogo com outra obra famosa, Orwell (2000), *A revolução dos bichos*. Nesse caso, Chico Buarque de Hollanda reproduz a estrutura oligárquica do Brasil por meio da figura de animais – como a estrutura da fábula –, os quais se organizam em uma propriedade, chamada Fazenda Modelo, a fim de protestarem contra os mandos de um proprietário autoritário. No que se refere a outro best-seller desse primeiro momento, WEST (1976), em *O navegante*, faz um intertexto com os livros publicados na época, muitos de não-ficção, que discutiam a situação vivida em Cuba. A história de Morris West apresenta um sujeito (um pesquisador) disposto a fazer de tudo para obter os valores dos seus antepassados, perdidos em uma ilha do Pacífico. Chegando ao local, após o naufrágio do seu barco, passa a comandar a tripulação de forma autoritária, pregando uma espécie de ditadura socialista na ilha. Percebe-se, nesse caso, não só o diálogo com o contexto dos anos 70, mas uma intertextualidade com os livros que discutiam tal assunto: a opressão contra a coletividade.

No segundo momento, de 1981 a 1990, a organização narrativa e discursiva não gira mais em torno do tema da importância da atuação coletiva. Se há algum elemento da narrativa ancorado no contexto, os procedimentos de espacialidade e de temporalidade servem apenas para dar sustentação à narrativa, de forma a compor uma ambientação que direciona o sentido não mais para um investimento figurativo e para uma organização temática de ação-intriga (brigas, protestos, chantagens, mortes), e, sim, para compor uma série de questionamentos acerca da existência, um quadro temático em que os sujeitos buscam objetos-valores ligados à individualidade e à subjetividade. Nesse caso, os sujeitos são determinados por percursos nos quais impera a busca por um conhecimento específico (um objeto-valor de sabedoria, do qual não é possível se desvencilhar), seja ele uma crença em algo místico ou filosófico com o intuito de transcender, de forma a alcançar um saber-fazer orientado para uma finalidade íntima. Configuram, dessa maneira, sujeitos preocupados com uma série de assuntos que dizem respeito à subjetividade e que servem para questionar a existência humana, de forma geral, em direção a um tão desejado autoconhecimento.

Livros como *A insustentável leveza do ser*, de KUNDERA (1985), e *As brumas de Avalon*, de BRADLEY (1985), mais vendidos em 1985 e 1987, respectivamente, recobrem temas que, de forma geral, questionam o ser, enquanto ser no mundo. O último o

faz de um ponto de vista religioso, narrando a vida de uma jovem que defende uma religião pagã frente à religião oficial, o catolicismo, enquanto o primeiro faz um questionamento filosófico sobre a existência humana, trabalhando o paradoxo do peso e da leveza, inerentes à vida, para explicar a volubilidade das ações do homem. O que há de comum em ambos é o fato de procurarem mostrar algo que está oculto, uma crença, religiosa ou filosófica, que se encontra perdida em meio à individualidade das pessoas e que pode ser utilizada para o bem de cada um. Outra obra que ilustra bem a subjetividade e o individualismo dessa época é *O alquimista*, de COELHO (1990), o mais vendido de 1990. A obra reúne vários aspectos interessantes. É uma narrativa em tom de parábola e com a reiteração de figuras que recobrem o tema de misticismo e esoterismo (magos, profetas, sonhos, teorias ocultistas). Tais conhecimentos místicos são narrativizados nessa obra com a finalidade de se obter um autoconhecimento, fato que faz pensar o quanto esse livro tem características parecidas com as dos textos de auto-ajuda, uma vez que o sujeito da narrativa, Santiago, busca realizar-se pessoalmente por meio de um saber – um percurso cognitivo – que apenas ele podia cumprir. A figura de Santiago, dessa forma geral, recobre temas como a coragem e a busca pelo autoconhecimento por meio de histórias de engrandecimento, sofrimento e superação, transmitindo uma mensagem indireta de auto-ajuda.

O fato que pode ter originado os textos de auto-ajuda, no contexto dos anos 90, é a simplificação de narrativas místico-esotéricas que descrevem um percurso narrativo semelhante ao livro de Paulo Coelho. Pensa-se o quanto a natureza da ficcionalidade – centrada em procedimentos narrativos e discursivos para descrição de personagens, espaços e tempos fictícios a fim de sustentar o simulacro do texto – foi simplificada, a fim de que o enunciador possa se manifestar explicitamente como a imagem de um escritor que pretende comunicar-se o mais diretamente possível com o seu enunciatário (o leitor), dizendo-lhe o que se deve fazer ou não para obter um conhecimento que o ajude a resolver problemas específicos e, sobretudo, particulares, íntimos.

### **Do texto para o contexto: ditaduras e militância vs. consumismo e individualismo – os idos de 1970 e 1980.**

O exame do plano do conteúdo pôde revelar alguns fatores que teriam levado o público-leitor a escolher determinados livros como favoritos, seja por critérios de linha temática e pelo recobrimento figurativo, inerentes à organização discursiva de cada livro, ou por critério relativos ao cenário discursivo sócio-cultural. O importante, nesses casos, é tentar tornar as hipóteses sobre um perfil de leitor nacional mais completas, relacionando a organização e o funcionamento discursivo dos textos ficcionais mais vendidos com o contexto histórico em que foram publicados. A partir desses resultados interpretativos, pode-se pensar, a partir dessa tentativa de uma tipologia do leitor nacional, como evoluíram as narrativas de conteúdo mais intimista do segundo momento proposto, 1981-1990 (subjetividade e individualidade acentuadas), para os textos de auto-ajuda e esoterismo.

Segundo a edição especial da revista *Veja*, no que se refere ao resumo dos fatos da década de 1980, “as mudanças de mentalidade, organização política de países, com o débacle do comunismo em destaque, e de estilo de vida foram radicais, espantosas” (*VEJA*, 31 dez. 1989, p. 45). Internacionalmente – tempos de queda das chamadas ditaduras comunistas e final da Guerra Fria – e, nacionalmente – fim do regime militar e do autoritarismo dos generais – os anos de 1980 compuseram, segundo opinião do editor da *Veja*, “um mundo menor, mais interligado, mais pragmático e mais consciente” (31 dez. 1989,

p. 198). Segundo a revista, essa década proporcionou um mundo menor e mais interligado por conta das tecnologias de comunicação e dos negócios provenientes do capitalismo.

Pensando em um quadro comparativo desse período dos anos 80 com as tendências apontadas pela *Veja* no final da década anterior (*VEJA*, 26 dez. 1979), o comportamento social do final dos anos 70, em direção aos anos 80, já indicava a procura por temas de maior subjetividade, maior individualismo e também uma heterogeneidade de gostos culturais, de modo que a década de 1980 manteve esses padrões de mudança no universo do indivíduo:

O jeans quase saiu de cena para dar lugar ao dark. Se os calmantes – com o Valium à frente – foram os remédios mais tomados nos anos 70, nos 80 reinaram os antidepressivos. Acabou a era da modernidade, pois agora se vive em pleno período pós-moderno. Adeus utopias das tribos contraculturais que pretendiam acabar com a sociedade de consumo. Bem-vinda vida real, o aqui e agora onde há consumo para todos os gostos. Onde antes macrobiótica, agora sushi. Onde liberação sexual, agora Aids. Onde amizade colorida, casamento. Onde cigarros, cuidados com a saúde. Onde o rock como atitude contestatória, agora o rock apenas espetáculo, divertimento. Onde o anonimato do ser humano perdido nas metrópoles, agora o indivíduo de estilo [...] Onde o engajamento para mudar a sociedade, a simpatia pela causa ecológica. Onde as religiões estabelecidas, misticismos variados (*VEJA*, 31 dez. 1989, p. 180 – grifo deste autor).

Pode-se entender a definição “indivíduo de estilo” como um individualismo mais particular (perdoe-se a necessária redundância) que se configurou por meio de gestos de culto à individualidade mais acentuados, que direcionaram o leitor a buscar livros de conteúdo mais intimista, a fim de alcançar um conhecimento, até mesmo um autoconhecimento, por meio de leituras particulares, subjetivas, guiadas por gostos e crenças variadas, de temática heterogênea, de superstição (misticismo), de auto-ajuda, de transcendência, de crítica à existência, configurando uma busca por saberes práticos, rápidos, econômicos, do tipo “só depende de você”.

### **Um perfil de leitor nacional de best-sellers**

Os best-sellers, de forma geral, deram atenção às expectativas do leitor. Pensando nas aspirações desse leitor comum, a cada época era comum a recorrência de temas e figuras específicas. Os fatos dos anos 70 mostram conflitos coletivos e um interesse, de mesmo modo, por atitudes engajadas, sobretudo, politicamente como uma forma de se importar mais com o outro indivíduo, com a sociedade. Para isso, os best-sellers compunham sua narratividade por meio de ancoragens em que predominavam cenas de conflitos armados, sociedades igualitárias, indivíduos com direcionamentos políticos bem definidos, que, já a partir dos anos de 1980, foi direcionada para um maior trato com a individualidade do sujeito. Nesse caso, o fazer dos sujeitos narrativos passou a ser direcionado para uma pluralidade de fazeres e, mais particularmente, para uma preocupação consigo próprio. Em *O alquimista* (COELHO, 1990), o sujeito Santiago é capaz de dar conta de vários programas narrativos (seja de aquisição de um bem material ou de um conhecimento), uma vez que os destinadores-manipuladores são muitos no decorrer da história e configuram vários percursos narrativos. Ou seja, ocorrem inúmeras transformações narrativas permitindo a junção do sujeito Santiago com objetos-valores, bem como lugares e pessoas os mais variados possíveis, desde um



empreendimento comercial (ao trabalhar vendendo cristais), pedras mágicas e outros elementos esotéricos, até o encontro com o alquimista.

Pode-se conjecturar que a fama dos livros de auto-ajuda e esoterismo, atualmente, pode ser resultado da simplificação de narrativas de conteúdo moralizante, glorificante, engrandecedor, otimista, melhor dizendo, conteúdos que transmitem mensagens boas (éticas) de forma simples e concisa; uma orientação para alcançar um saber específico, como um manual para bem viver, enriquecido com uma temática transcendental (questionamento da existência aliado à crença em assuntos místico-esotéricos), como observado em Paulo Coelho e Milan Kundera. Como forma de ilustrar o procedimento de simplificação da narrativa, em *O alquimista*, a extensão da narrativa é encurtada, uma vez que o livro é de curto fôlego. A descrição dos espaços e dos tempos também é simplificada, de forma que o narrador não se atém a detalhes mais específicos da espacialidade e do tempo. Os elementos místicos que eram tratados de forma um pouco mais discreta, como em *A insustentável leveza do ser* (KUNDERA, 1985) e em *As brumas de Avalon* (BRADLEY, 1987), passam a ser discutidos, a partir de Paulo Coelho, quase que pormenorizadamente por meio de termos que sintetizam algumas teorias ocultistas. Nesse caso, a alquimia (uma das teorias ocultistas) não é reduzida somente à figura do alquimista, a respeito da qual imagina-se um químico aprisionado no seu laboratório para fabricar fórmulas secretas, mas a um mundo de liberdade, aventura, amores, desafios e recompensas que dependem, obviamente, de uma performance individual.

Os livros de direcionamento místico-esotérico procuram dar conta de uma série de conhecimentos que tornam melhor a vida do enunciatário-leitor. Observa-se, de igual modo, o interesse em resumir essa temática por meio de mensagens simples, que tocam o mais diretamente possível o lado emotivo do público a que se destina. Nesse caso, o enunciador-escritor já passa a falar quase diretamente com o enunciatário-leitor. Se narrativas com longas descrições de situações e ambientes convencem por meio de um discurso mais figurativo (como fazem Sheldon, Forsyth e Vargas Llosa), por outro, as narrativas de menor fôlego, como visto em Paulo Coelho, no início dos anos 90, simplificaram a estrutura típica do best-seller (romances de longo fôlego, ancorados no próprio contexto), cujo conteúdo ficcional é transformado, o mais diretamente possível, em um manual de fazer algo: “como ser feliz”, “como educar os filhos”, “como lidar com isso ou com aquilo”. Então, o fazer de um sujeito lingüístico (o fazer de um sujeito discursivo) passa a alcançar o universo sócio-cultural do sujeito real, empírico: o leitor.

### **Narrativas esotéricas e textos de auto-ajuda: 1991 – 2006**

Pensando em fazer uma comparação entre os dois momentos (1975-1980 e 1981-1990) para se chegar à hipótese de um terceiro período de evolução das narrativas esotéricas, serão utilizadas, de acordo com Fiorin (1994), as categorias lingüísticas “concreto” e “abstrato”, o primeiro relacionado ao procedimento de figurativização e o segundo, ao procedimento de tematização. De acordo com esses conceitos, um texto é mais temático quando houver o predomínio de termos abstratos, e, mais figurativo quando houver o predomínio de termos concretos de forma a representar conceitos por meio de ações. Relacionado ao tema do nervosismo, imagine-se alguém fumando um cigarro após o outro, ou ao tema da sabedoria, algum mestre ensinando seu pupilo.

Propõe-se, a partir dessas categorias lingüísticas, duas tipologias de texto: de percurso mais concreto (organização mais figurativa que temática) em um primeiro momento

(1975-1980), com narrativas de ação-intriga; e textos compostos por um percurso tão abstrato quanto concreto (organização mais temática e mais figurativa), no segundo (1981-1990), a exemplo das narrativas de característica místico-esotérica, que contam ainda com elementos de ação-intriga. Nesse último caso, os textos mais figurativos dos anos 70, com elementos de intriga, chantagens e violência têm a função, em primeiro plano, de identificar os seres no mundo natural, por isso são livros cuja organização está ancorada nos fatos da época em que foram escritos, trabalhando mais a temporalidade e a espacialidade. Por outro lado, os livros mais abstratos, de leitura mais temática, carregam um conteúdo voltado mais para explicar o mundo que propriamente criar um simulacro dele, por isso, há uma tendência em explicar o homem e o universo existencial que o cerca, por meio de filosofias e crenças diversas. Os textos do segundo momento, portanto, são abstratos e concretos de igual forma, porque, mesmo que haja uma mensagem mística e subjetiva, ela está ancorada em figuras que remetem ao mundo natural. A insustentável leveza do ser e O alquimista, embora discorram sobre como transcender, também são textos cuja narratividade sustenta-se em tempos e espaços possíveis. Pensa-se que os textos de auto-ajuda simplificaram ao máximo a estrutura narrativa, por isso são textos muito pouco figurativos e mais temáticos, o que de fato serve para registrar a hipótese de um terceiro e último momento dessa evolução (1991 – 2006): textos pouco (ou muito pouco) figurativos e mais temáticos. A tabela abaixo ilustra a progressão dos três períodos propostos no que concerne às categorias lingüísticas “abstrato” e “concreto”:

1975 – 1980	1981 – 1990	1991 – 2006
Mais figurativos	Mais figurativos	Menos figurativos
Menos temáticos	Mais temáticos	Mais temáticos

Tabela 2

O exame do plano do conteúdo dos livros do primeiro momento mostrou, portanto, que existe uma relação direta entre essas obras e o contexto dos anos de 1970, na medida em que se constituíram por meio da estrutura fundamental menos variante, “opressão vs. liberdade”. No que se refere à passagem dessa oposição para as estruturas narrativa e discursiva, ocorreu uma isotopia de temas e figuras – uma invariância – com relação aos percursos temático-figurativos que remetiam ao contexto nacional e internacional de lutas políticas. Viviam-se, nesse período, conflitos de interesse socialista e capitalista, que nos livros se confundiam, às vezes como regime libertador, às vezes como opressor. No contexto nacional vivia-se um período de regime militar. A solução para a libertação das amarras sociais estava, pois, vinculada também à liberdade, adquirida por meio da inquietação política e da agitação coletiva engajada na causa do pensamento de esquerda. Com a derrocada das ditaduras comunistas e a ascensão do modo de vida cada vez mais voltado para o consumo e para a massificação da cultura, a década de 80 configurou uma forma de vida nas esferas social e política diferenciada, na medida em que o comportamento, de modo geral, diferentemente da década anterior, proporcionou um direcionamento político menos engajado politicamente e a preferência por objetos culturais mais heterogêneos. Esse contexto permitiu a difusão de obras com pontos de vista os mais variados possíveis, desde narrativas típicas dos best-sellers de Frederick Forsyth a Sidney Sheldon (sexo, vingança, investigação, amores impossíveis), até receitas para aquisição de um conhecimento específico, depositado no interior de histórias que sugerem um conteúdo de auto-ajuda, que vai ao encontro do

misticismo enquanto forma de transcender sem recorrer a crenças tradicionais, como fez Paulo Coelho com as suas teorias ocultistas narradas ficcionalmente.

Para compreender o discurso acerca de manifestações mais homogêneas ou mais heterogêneas de escolhas, Cortina (2004) explica como se dá o domínio de certos discursos (a manifestação de pontos de vista diversos) e como essas escolhas fazem um diálogo com outras fontes:

O texto, enquanto unidade de sentido, é constituído por um discurso que pode oscilar entre uma maior homogeneidade ou uma maior heterogeneidade, na medida em que tenha um domínio hegemônico de um ponto de vista ou a manifestações de diferentes pontos de vista ao mesmo tempo. Mesmo nesse segundo caso, haverá sempre um discurso central que organizará os demais, pois todo texto pressupõe um ato de linguagem de um sujeito singular. Por sua vez, a leitura também pressupõe a ação de um sujeito sobre o texto lido, na medida em que ele construirá seu texto interpretativo a partir do confronto de seu conhecimento, dimensão cognitiva, sobre o fazer do outro. Assim, toda leitura é uma relação intertextual, pois, mesmo que o leitor apenas comente verbalmente sua compreensão do texto lido, não está deixando de construir um discurso interpretativo por meio da linguagem, portanto um texto (CORTINA, 2004, p. 156-7).

Saber reconhecer as expectativas do leitor significa apreender os valores desse auditório imenso que é o público consumidor de literatura de massa. Por isso, alguns valores predominaram de forma mais hegemônica, no primeiro momento, nos livros de ação-intriga, e outros valores, inseridos dentro de manifestações de pontos de vista mais variados predominaram no segundo momento com as narrativas esotéricas. Para o prosseguimento da pesquisa, é necessário verificar se, de 1991 a 2006, haverá um predomínio de pontos de vista diversos ou se essa heterogeneidade relativa ao universo social, político e cultural ficará mais estável.

As duas edições da revista *Veja* (26 dez. 1979; 31 dez. 1989) foram úteis à pesquisa, na medida em que compuseram um quadro resumido dos fatos sócio-políticos mais importantes (ditaduras, regimes socialistas, guerrilhas, comportamento social, mudanças de atitudes) e puderam indicar, mais particularmente, uma recorrência de comportamentos que indicou perspectivas de gostos, atitudes e modismos, tanto no que se refere à década mais revolucionária dos anos de 1970 (atitudes contestatórias, atos coletivos, posicionamentos políticos definidos) como os anos mais pluralistas da década seguinte (individualismo acentuado, consumismo), resultando na busca por uma temática de livros mais individualista, escolhas mais plurais, gostos mais heterogêneos, direcionamentos políticos menos definidos e, sobretudo, a vontade de ter um estilo próprio, de não se enquadrar em nenhum gênero específico, paradoxalmente, por meio da imposição da própria individualidade, tudo conforme a *Veja* atestou.

Observa-se que os livros analisados foram mais vendidos no Brasil por atenderem às expectativas do leitor comum, tanto no que se refere à organização e o funcionamento do plano do conteúdo, como no que diz respeito às características que predominavam no contexto da publicação dessas obras e que, de igual forma, estiveram presentes nos textos de leitura selecionados para a análise semiótica. Resta provar, por meio de um novo exame do plano do conteúdo dos livros de auto-ajuda e esoterismo, que farão parte do novo levantamento para a continuidade desta pesquisa, como a organização discursiva dessas narrativas típicas dos livros de Marion Zimmer Bradley e Paulo Coelho

evoluiu e, mais importante, quando seria possível falar em um terceiro momento de livros mais vendidos, em um cenário em que predomina o consumo de livros de auto-ajuda.

### Referências Bibliográficas

- ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP; Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.
- BARROS, Diana Luz. Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2.Ed. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora da UNB, 1998.
- \_\_\_\_\_. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- COLOMBO, Sylvia. **O universal Cultura escrita, literatura e história particular**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 08 jan. 2006. Caderno Mais! Livros, p. 08.
- CORTINA, Arnaldo. **Semiótica e Leitura: os leitores de Harry Potter**. In: CORTINA, Arnaldo & MARCHEZAN, Renata Coelho (Orgs.). **Razões e sensibilidades: a semiótica em foco**. São Paulo: Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica, 2004, p. 153-189 (Série Trilhas Lingüísticas).
- FIORIN, José Luiz. **Modos de organização do discurso: a narração, a descrição e a dissertação**. In: HUBNER, Regina Maria (Org.). Língua Portuguesa. Diário de classe 3. São Paulo: FDE, 1994.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido. Ensaios semióticos**. Tradução Ana Cristina C. Cezar et al. Petrópolis: Vozes, 1975.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil – sua história**. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1985.
- SODRÉ, Muniz. **Best-seller: a literatura de mercado**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1988.

### Bibliografia do Corpus

- OS MAIS VENDIDOS. Veja, São Paulo, jan. 1975 a dez. 2006.
- VEJA. Edição Especial: anos 70. São Paulo, 26 dez. 1979.
- \_\_\_\_\_. Edição Especial: a década de 80. São Paulo, 31 dez. 1989.

### Bibliografia submetida a análise interpretativa

- BRADLEY, Marion Zimmer. **As brumas de Avalon: a senhora da magia**. Tradução de Waltensir Dutra e Marcos Aurélio P. Cesarino. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- COELHO, Paulo. **O alquimista**. 26 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- DEFORGES, Régines. **A bicicleta azul**. Tradução de Ligia Guterres. São Paulo: Best Seller/Nova Cultural, 1987.
- ECO, Umberto. **O nome da rosa**. 6 ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- FORSYTH, Frederick. **A alternativa do diabo**. 2 ed. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Editora Record: Rio de Janeiro, 1979.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. **Fazenda modelo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975.
- HOLLANDA, Chico Buarque de & PONTES, Paulo. **A gota d'água**. 24. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

- KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Tradução de Teresa B. Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Risíveis amores**. 10 ed. Tradução de Teresa B. Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985a.
- ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo, Editora Globo, 2000.
- PUZO, Mario. **Os tolos morrem antes**. Tradução de Luzia Machado da Costa. São Paulo: Editora Record; Círculo do Livro, 1978.
- SHELDON, Sidney. **As areias do tempo**. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
- \_\_\_\_\_. **O reverso da medalha**. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- VARGAS LLOSA, Mario. **Conversa na catedral**. Tradução de Olga Savary. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.
- VERÍSSIMO, Luís Fernando. **O analista de Bagé**. Rio Grande do Sul: L & PM Editores, 1982.
- WEST, Morris. **O navegante**. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1976.
- YOURCENAR, Marguerite. **Memórias de Adriano**. Tradução de Martha Calderaro. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.